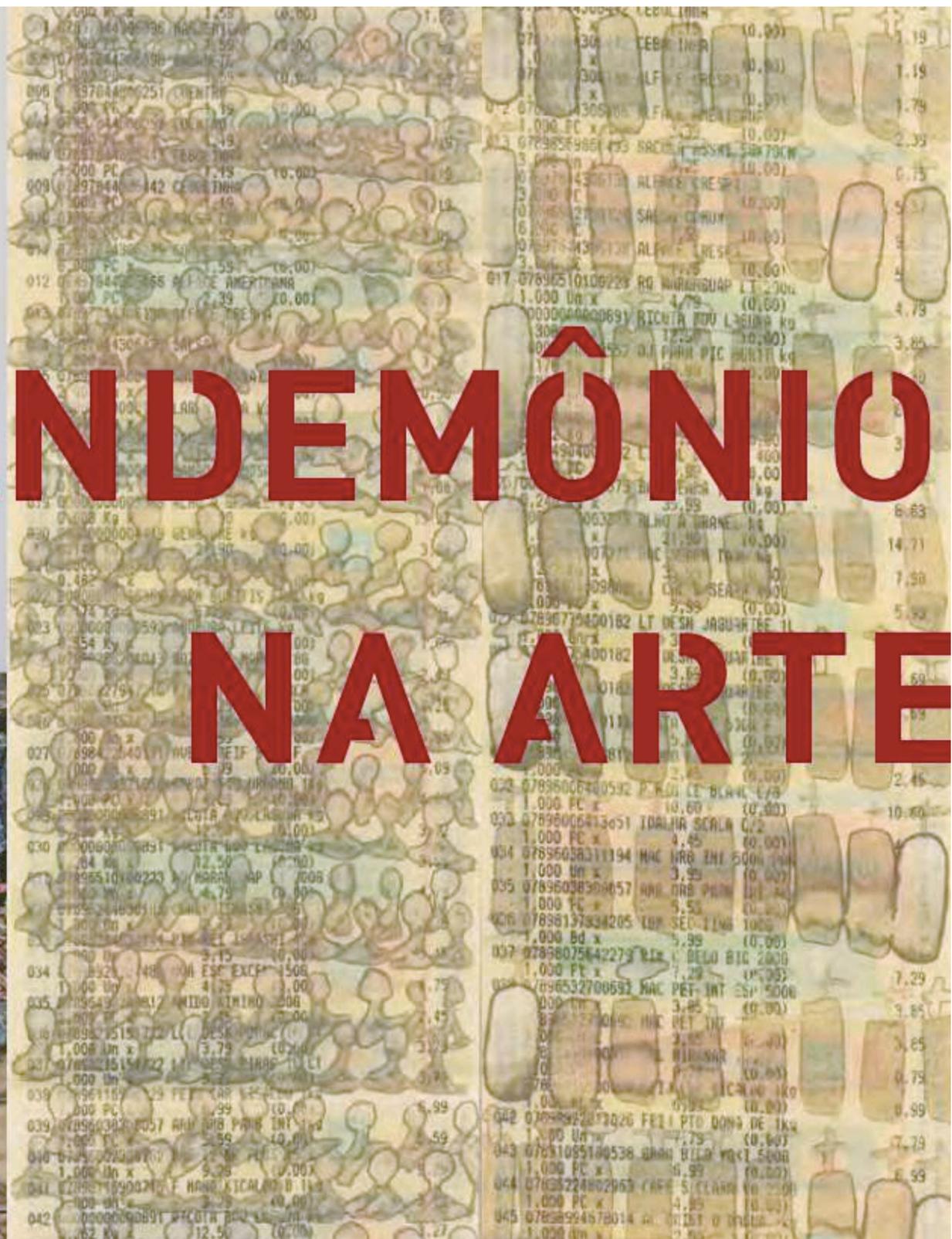


Fernanda Siebra
Ceará, Brasil
2022

REPORTAGEM

A PARTIR DAS
IMPLICAÇÕES
POLÍTICAS EM SEU
ENTORNO IMEDIATO
E DA AMPLIFICAÇÃO
DO ABISMO SOCIAL,
ARTISTAS PRODUZEM
A PRIMEIRA LEVA DA
ARTE DA PANDEMIA

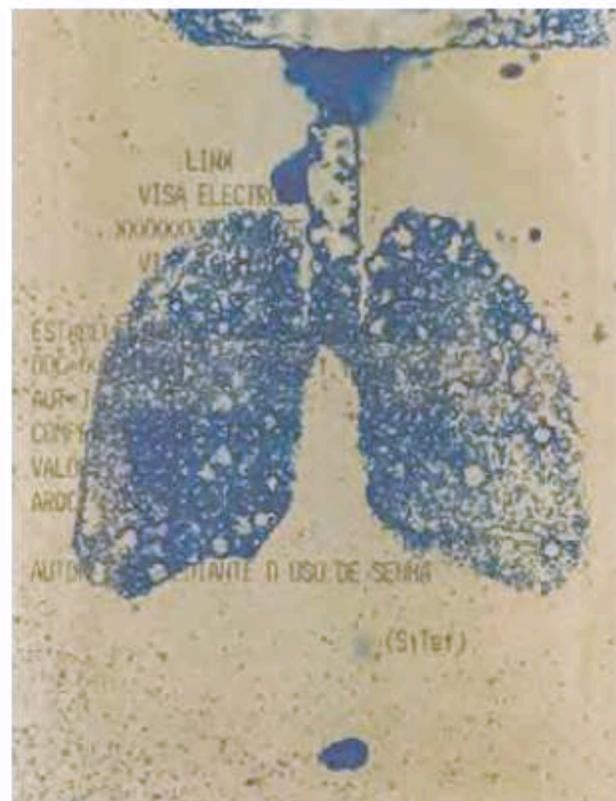
Fotografia da série *Sombra de Vitória* (2020), de
Daniela Torrente; na página ao lado, detalhes de
Oxigênio (2021), de Fernanda Siebra



PANDEMÔNIO NA ARTE



"ASSIM COMO O EXERCÍCIO RESPIRATÓRIO, O OXIGÊNIO PROPÕE PENSAR SOBRE O DIREITO À VIDA QUE NOS VEM SENDO NEGADO E DENUNCIAR A CRISE SANITÁRIA E ECONÔMICA QUE ATRAVESSA O PAÍS", DIZ FERNANDA SIEBRA



Obra da série Oxigênio (2021), de Fernanda Siebra; na página ao lado, detalhe de Fantasma Hereditário, da série Trilogia Fantasma (2021), de Diego de Santos

O SEGUNDO ANO

Natureza e interiores domésticos povoam a “arte da pandemia”, se é que já se pode falar nesses termos. Para o historiador Rafael Domingues, “talvez a gente precise de um pouco mais de futuro para poder ver em perspectiva”, afirma, em resposta à **seLeCt** durante a última mesa do Seminário do 72º Salão de Abril, em setembro deste ano. Mais longo e cobijado evento do calendário de salões nacionais de arte, a mostra cearense deste ano recebeu um número considerável de inscrições que continham obras impregnadas de representações e reflexões sobre o impacto da Covid-19. A atualidade vem sendo marcada por uma suposta volta ao “normal”, com um calendário de exposições que se reorganizou, muitos eventos de arte previstos para 2020 podendo acontecer somente um ano depois.

“A pandemia, enquanto experiência social e individual, foi bastante evidenciada nos trabalhos dos artistas, tanto no conjunto dos inscritos quanto entre aqueles que a gente selecionou”, afirma Luciana Ribeiro, uma das curadoras do Salão de Abril deste ano, em entrevista à **seLeCt**. O escopo de inscritos num evento desse porte funciona como uma amostragem importante para calibrar a percepção da arte atual, sobretudo de artistas mais jovens.

Entre os trabalhos expostos, são emblemáticos os desenhos de Diego de Santos, intitulados Fantasma Hereditário,

da série Trilogia Fantasma (2021), feitos sobre as folhas da carteira de trabalho da mãe do artista. “Durante a pandemia, estávamos em casa e, mexendo em coisas guardadas há tempos, encontramos esse documento sem qualquer registro. Decidimos que guardar esse objeto era inútil; tratava-se apenas de papel velho juntando traça”, comentou o artista no seminário do salão. Sobre as folhas soltas da carteira de trabalho, Santos desenhou conchas, que carregam a simbologia da morada, mas também aludem ao termo em inglês *shell company*, que significa empresa fantasma. “O trabalho de arte em geral envolve um grande investimento com possibilidades muito remotas de retorno financeiro; não existe qualquer tipo de registro formal da atuação de um artista profissional, o que faz pensar em outras ausências, silêncios e apagamentos”, conclui.

Luciana Ribeiro relata que ficou bastante tocada pela escolha da carteira de trabalho como suporte para o desenho. “Diego traz uma reflexão sobre esse símbolo - ou você tem esse documento assinado ou não tem -, o que se estende a um aspecto de valorização da sua própria existência dentro da sociedade. Por outro lado, esse documento tem sido apagado, porque existe a carteira digital e também pelas próprias possibilidades de trabalho, cada vez menos aliadas a esse documento, como processo de perda de direitos, o que coloca também uma questão estrutural e histórica, do

quanto ainda temos de reparar dentro das políticas públicas sociais e de equidade. Suas obras trazem politização para o campo das artes. A política do olhar e do fazer tem se sobressaído mais, porque não tem como vivenciar a política de retrocessos hoje no Brasil sem nos posicionar.”

Oxigênio (2021), obra da Fernanda Siebra exposta no Salão de Abril, é composta de imagens térmicas produzidas a partir do contato de álcool em concentração de 70% com papel de cupons fiscais. “Assim como o exercício respiratório, o oxigênio propõe pensar sobre o direito à vida que nos vem sendo negado e denunciar a crise sanitária e econômica que atravessa o país”, afirma a artista. Os desenhos surgiram por acaso, da experiência de receber uma compra entregue em

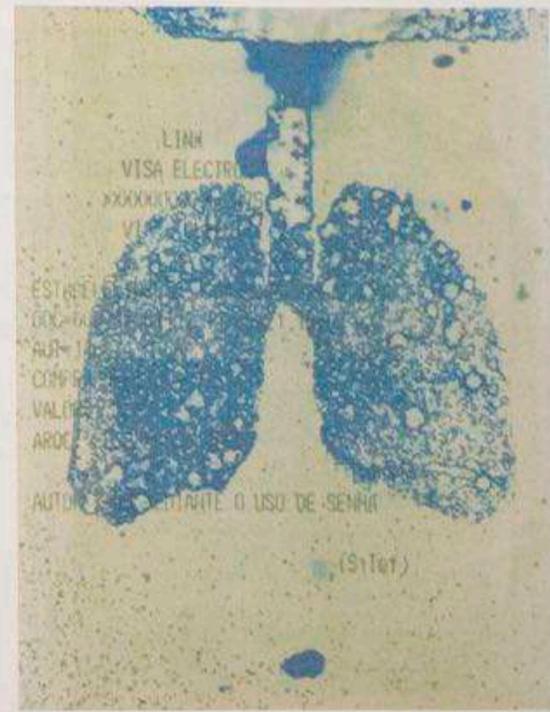
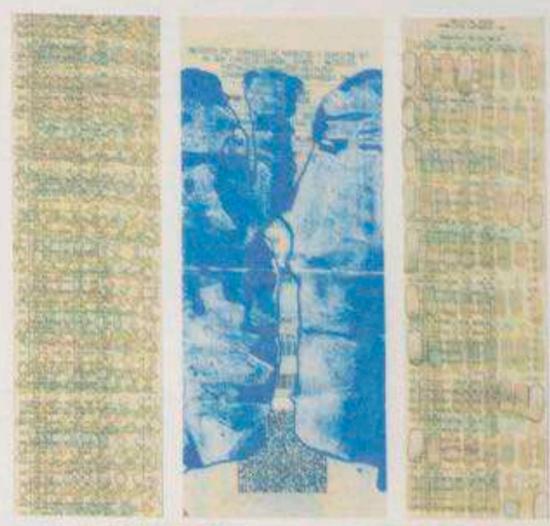
casa durante o isolamento e, depois de higienizar as mãos, tocar no cupom fiscal e observar o efeito do contato. Siebra então desenhou bustos, covas, pulmões sobre a coleção de recibos. Para Luciana Ribeiro, a artista constrói “uma espécie de diário pandêmico, propondo uma reflexão sobre quem fica dentro de casa, recebendo aquilo de que precisa para sobreviver e quem está na rua, se arriscando, podendo se contaminar. Os recibos mostram aquilo que ela consumiu durante o período, por isso se torna também um diário, assim como a carteira de trabalho se torna um registro da história de alguém e pode ser usado como um controle. E a artista desenha com o álcool 70%, justamente esse elemento que se tomou de uso cotidiano por causa da pandemia”.

Fernanda Siebra

Fotografia
Oxigênio
Álcool 70° s/ papel de cupons fiscais
2021

Oxigênio é uma série de imagens térmicas produzidas a partir do contato do álcool 70° com o papel de cupons fiscais. Como um exercício respiratório, Oxigênio propõe pensar sobre o direito à vida que vem nos sendo negado e denunciar a crise sanitária e econômica que atravessa o país. Bustos, covas, cruzeiros e pulmões. Imagens de um universo pandêmico.

Fernanda Siebra é fotógrafa e jornalista. Graduada em Jornalismo pela Unifor (2014), atuou como fotojornalista e realizadora de conteúdos audiovisuais no Sistema Verdes Mares, onde ocupou o cargo de editora do Núcleo de Audiovisual do SVM. Colabora eventualmente com o El País. Atualmente tem encontrado na colagem analógica uma maneira de fotografar.





EFÊMERO, ART. BR.

LAMBE-LUME

CARLOS LIMA - ENSAIO PARA O DESAPARECIMENTO

73 FERNANDA SIEBRA - GLIMP(1)0

O2

Ninguém faz nada sozinho.

Até as moléculas de oxigênio se unem para fornecer vida.

Em um tempo tão tenebroso, o *Efêmero Festival* foi responsável por encontros entre quem ainda teima em respirar.

2021 segue sofrendo os impactos da pandemia e do desgoverno.

O isolamento social se revelou uma das poucas medidas capazes de garantir uma maior chance de sobrevivência. A impossibilidade de ir à rua permitiu um olhar mais intenso às imagens que já nos estavam postas. O experimental ganhou potência durante esse tempo, incorporado organicamente no processo criativo. Talvez uma tentativa de busca para além da sobrevivência – uma vivência.

Revista, bula de remédio, cupom fiscal, folha de laranjeira, fotografias.

Tudo é matéria-prima para os artistas que encontraram na colagem manual a possibilidade de criar novos mundos, fazendo do encontro a ferramenta mais importante, antes mesmo da tesoura que retalha e da cola que sela.

Se colo sapato, bricolo. Se colo tecido, costuro. Se colo tinta, pinto. Se colo palavras, escrevo. Se colo plantas, jardim. Se colo feijão em água, cozinho. Se colo dedos na guitarra, toco. Se colo pedras e tijolos, construo. Se colo encontros, respiro.

Caroline Amorim constrói casas de pessoas. De paredes de lembranças a tetos de sonhos. Chico Gomes, abençoado por São Francisco e pelo batuque do Maracatu, cola histórias que ganham o mundo.

Mestre Célio Celestino celebra o encontro a cada trabalho. Célio faz pulsar o que é vivo na gente.

A ação manual une os trabalhos de colagens apresentados durante o festival. Em cada uma das imagens, o fazer artesanal traz a potência do contato físico e material. Artistas mediadores, o acaso como método.

É deslocando e unindo imagens, propondo novos caminhos, que seguimos resistindo.

O2

FERNANDA SIEBRA
FOTÓGRAFA E JORNALISTA

"F. Siebra está entre os artistas da convocatória norte-nordeste Lambe-Lame com a obra "Olimp(i)o" e participou da conversa experimental "Da fotografia à Colagem", com Carolina Amorim (RJ) e Chico Gomes (CE). O encontro foi disparador desse texto. Nele Fernanda faz menção a Célio Celestino (CE) que ministrou a oficina "A prática da Colagem" no festival."

Ninguém faz nada sozinho.

Até as moléculas de oxigênio se unem para fornecer vida.

Em um tempo tão tenebroso, o *Efêmero Festival* foi responsável por encontros entre quem ainda teima em respirar.

2021 segue sofrendo os impactos da pandemia e do desgoverno.

O isolamento social se revelou uma das poucas medidas capazes de garantir uma maior chance de sobrevivência. A impossibilidade de ir à rua permitiu um olhar mais intenso às imagens que já nos estavam postas. O experimental ganhou potência durante esse tempo, incorporado organicamente no processo criativo. Talvez uma tentativa de busca para além da sobrevivência – uma vivência.

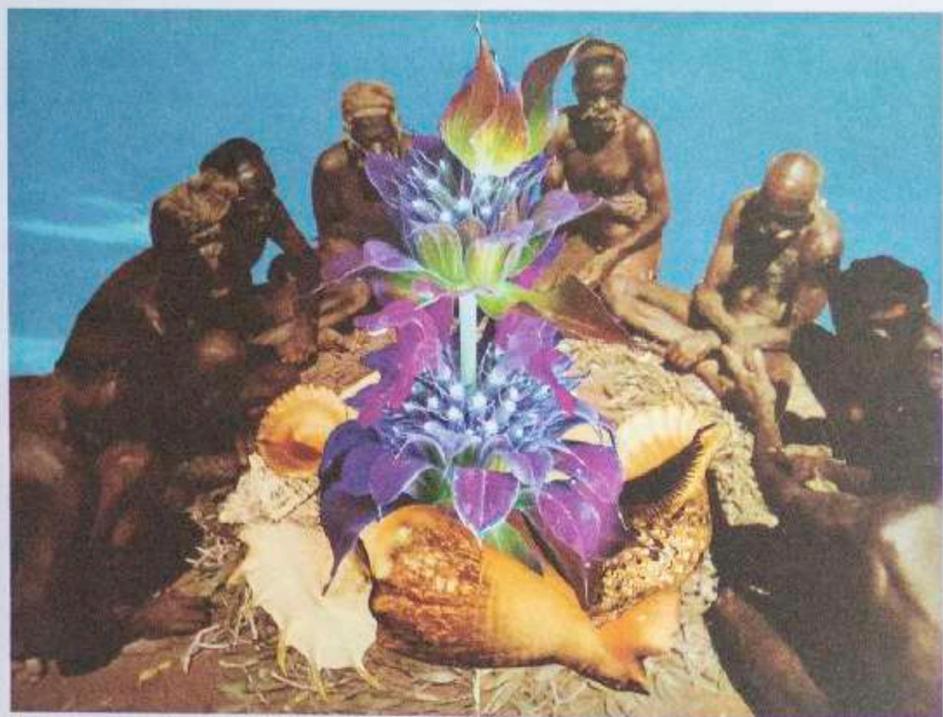
Revista, bula de remédio, cupom fiscal, folha de laranjeira, fotografias. Tudo é matéria-prima para os artistas que encontraram na colagem manual a possibilidade de criar novos mundos, fazendo do encontro a ferramenta mais importante, antes mesmo da tesoura que retalha e da cola que sela. Se colo sapato, bricolo. Se colo tecido, costuro. Se colo tinta, pinto. Se colo palavras, escrevo. Se colo plantas, jardim. Se colo feijão em água, cozinho. Se colo dedos na guitarra, solo. Se colo pedras e tijolos, construo. Se colo encontros, respiro.

Caroline Amorim constrói casas de pessoas. De paredes de lembranças a tetos de sonhos. Chico Gomes, abençoado por São Francisco e pelo batuque do Maracatu, cola histórias que ganham o mundo. Mestre Célio Celestino celebra o encontro a cada trabalho. Célio faz pulsar o que é vivo na gente.

A ação manual une os trabalhos de colagens apresentados durante o festival. Em cada uma das imagens, o fazer artesanal traz a potência do contato físico e material. Artistas mediadores, o acaso como método.

É deslocando e unindo imagens, propondo novos caminhos, que seguimos resistindo.

97

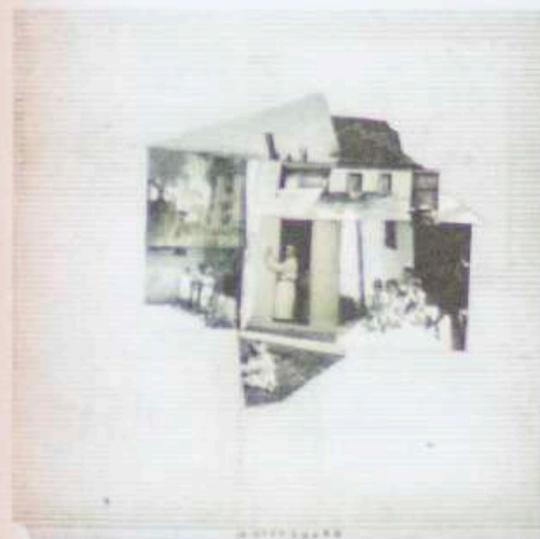


1_

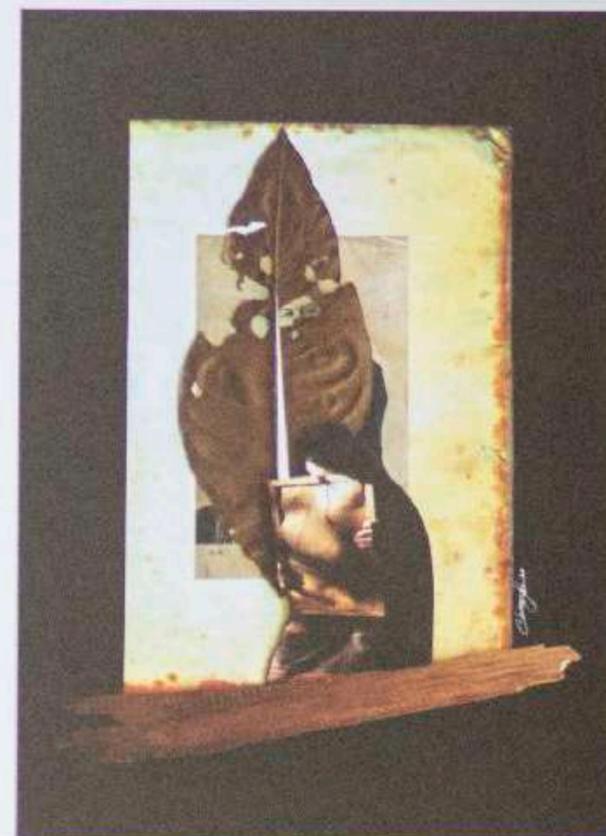


2_

- 1_ CÉLIO CELESTINO
- 2_ FERNANDA SIEMRA
- 3_ CAROLLINA AMORIM
- 4_ CHICO GOMES



3_



4_



**Catálogo
Solar Foto Festival
Ceará, Brasil
2018**



NEGROS

Esta é a cultura com muitas variações, pois é composta por personagens que não estão presentes em todos os grupos. É o conjunto de todas as tradições dos elementos de cultura afro-brasileira.

MARACATU (CARNIVAL)

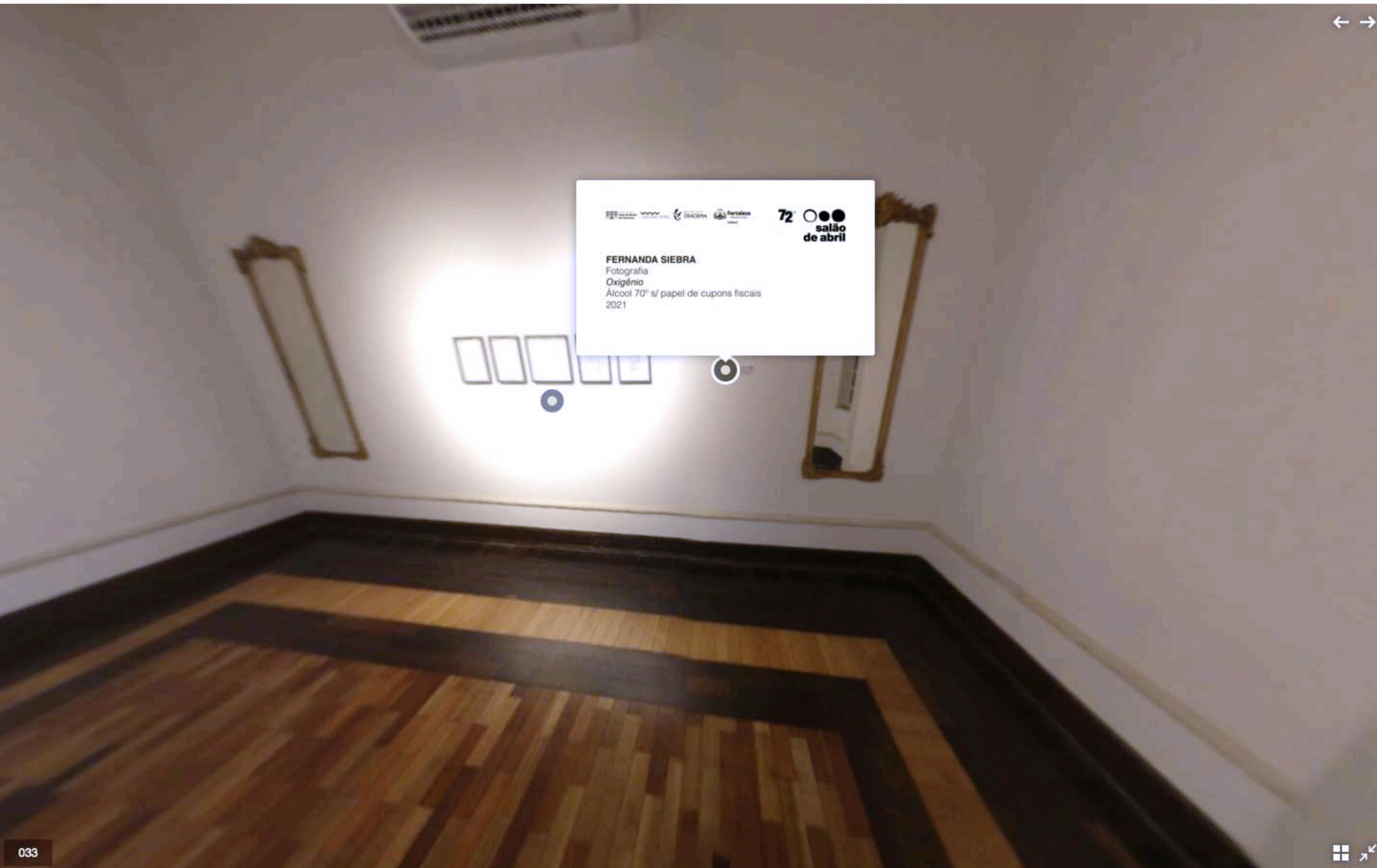
42

https://issuu.com/secultfor/docs/livro_dossie_do_maracatu.indd



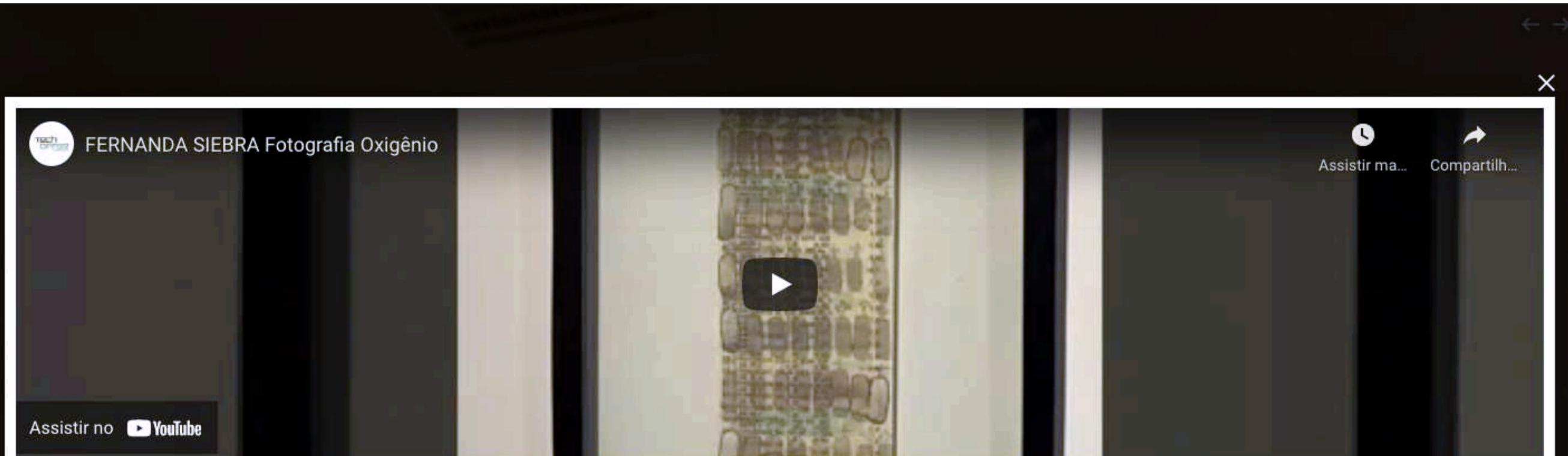
CAPÍTULO III

*O Maracatu Cearense como
patrimônio cultural*



72o Salão de Abril
Ceará, Brasil
2021

<https://www.youtube.com/watch?v=ezk5dYaXDwl&t=1s>



Oxigênio é uma série de imagens térmicas produzidas a partir do contato do álcool 70° com o papel de cupons fiscais. Como um exercício respiratório, Oxigênio propõe pensar sobre o direito à vida que vem nos sendo negado e denunciar a crise sanitária e econômica que atravessa o país. Bustos, covas, cruzes e pulmões. Imagens de um universo pandêmico.



**72o Salão de Abril
Ceará, Brasil
2021**



**Miragem
Solar Foto Festival
Ceará, Brasil
2018**

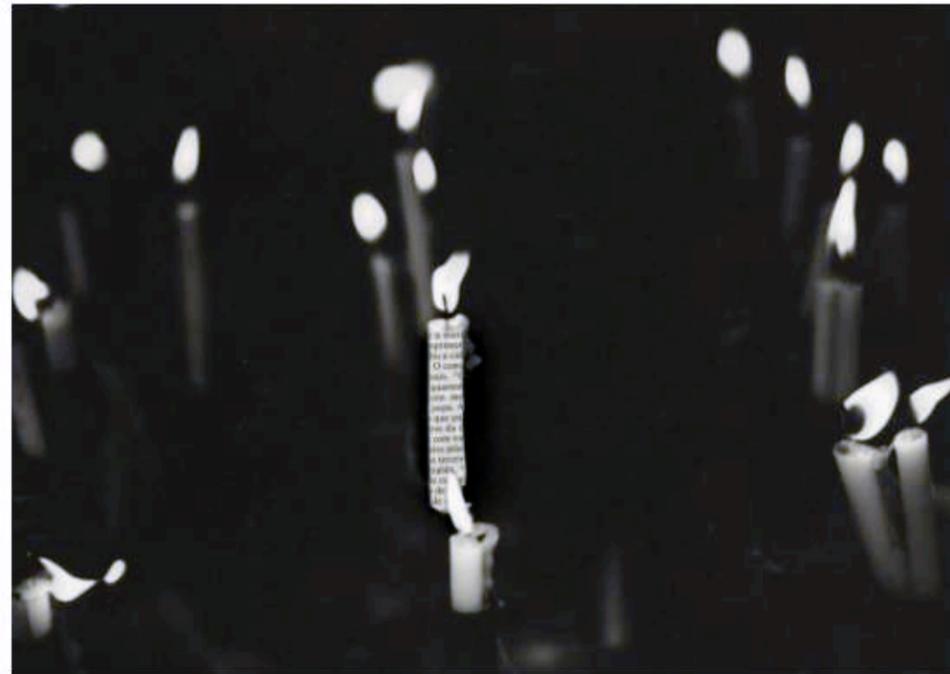
<https://painelfotoceara.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>

FOTOGRAFIA
DA
PAINEL DA
CEARENSE
2020

INÍCIO ARTISTAS HOMENAGEADOS VÍDEOS SOBRE

FERNANDA SIEBRA

Fernanda Siebra é fotógrafa e jornalista. Graduada em Jornalismo, atuou como fotojornalista e realizadora de conteúdos audiovisuais no Sistema Verdes Mares, onde ocupou o cargo de editora do Núcleo de Audiovisual do SVM. Trabalhou ainda junto ao El País. Desenvolve um trabalho de caráter documental sobre as romarias de Juazeiro do Norte. Durante período pandêmico, intensificou a produção dos trabalhos com colagens analógicas. Expôs em 2018, o trabalho "Bem Ditos", na exposição Miragem do Festival Solar, utilizando a mesma linguagem. Gosta de pensar fotografia para além de duas dimensões.



Painel da Fotografia
Cearense Contemporânea
Ceará, Brasil
2020

<https://painelfotoceara.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>

BEM DITO

BEM DITO é uma série de fotografias intervencionadas com colagens de trechos bíblicos que surge com o objetivo de abordar a devoção de romeiros ao Pe. Cícero de Juazeiro do Norte, Ceará.

(Pe. Cícero conquistou grande parte de seus devotos depois da celebração de uma missa em 1889, onde uma mulher recebeu a comunhão de suas mãos e declarou que a hóstia havia se transformado em sangue em sua boca. Muitos chamaram de milagre, mas o Vaticano não reconheceu o fato e suspendeu o Padre Cícero do exercício do sacerdócio. Isso não impediu que a população local continuasse acreditando e transformando Juazeiro do Norte em um lugar de peregrinação.)

Tendo como inquietação a ideia de um “santo” santificado pelo povo e não pela Igreja, BEM DITO – que se inicia enquanto registro fotográfico documental, durante alguns anos acompanhando romarias – passa a ter intervenções de colagens de escritos bíblicos.

A proposta é que esse espaço de ausência (entende-se por ausência o não reconhecimento, por parte da Igreja Católica, dessa santidade) é preenchido pela fé dos romeiros.

Os textos bíblicos se destacam ainda pela gramatura fina do papel, destoando do papel fotográfico. O próprio suporte sugere uma leitura de fragilidade nos registros. BEM DITO busca investigar a relação de fé entre os Romeiros e o Pe. Cícero -não- santificado.



**Painel da Fotografia
Cearense Contemporânea
Ceará, Brasil
2020**

<https://painelfotoceara.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>



O Maracatu é uma sonda cultural brasileira única. É de resistência e preservação da cultura afro-brasileira. Quatro anos antes da Lei Áurea, no dia 25 de março de 1884, o Ceará se tornou a primeira província a decretar, oficialmente, o fim da escravidão no Brasil. Talvez, por essa precocidade, possui um desenvolvimento tão amplo do Maracatu. Em meados dos anos 1930, o Maracatu se desloca para o

**Painel da Fotografia
Cearense Contemporânea
Ceará, Brasil
2020**

<https://painelfotoceara.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>

Os textos bíblicos se destacam ainda pela gramatura fina do papel, destoando do papel fotográfico. O próprio suporte sugere uma leitura de fragilidade nos registros. BEM DITO busca investigar a relação de fé entre os Romeiros e o Pe. Cícero -não- santificado.



OLIMP(1)0

O Maracatu é uma dança cultural brasileira tradicional. É dança, música e teatro. Talvez, por essa precocidade, possui um desenvolvimento tão amplo do Maracatu. Em meados dos anos 1930, o Maracatu se desloca para o

**Painel da Fotografia
Cearense Contemporânea
Ceará, Brasil
2020**

<https://painelfotoceara.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>

OLIMP(I)O

O Maracatu é uma sólida cultura brasileira africanista. É defesa, resistência e preservação da cultura afro-brasileira.

Quatro anos antes da Lei Áurea, no dia 25 de março de 1884, o Ceará se tornou a primeira província a decretar, oficialmente, o fim da escravidão no Brasil. Talvez, por essa precocidade, possui um desenvolvimento tão amplo do Maracatu. Em meados dos anos 1930, o Maracatu se desloca para o carnaval de rua de Fortaleza, ganhando como palco, a Avenida Domingos Olímpio.

A proposta do trabalho Olimp(i)o é a narrativa dessa passagem durante as apresentações do Maracatu a partir de fotografias instantâneas que remontam essa avenida.

A instantaneidade da imagem fala desse espaço que se torna sacro -e daí o título Olimp(i)o trazendo a lembrança do Monte Olimpo, espaço de morada de Deuses Gregos- durante os desfiles, e que se faz simples rua de tráfego após o fim do carnaval.

Interessa ainda o caráter de transformação da imagem instantânea. Nos transformamos, somos retintos, e nem por isso menos reais, assim como o negror da fuligem dos brincantes não é falso -surge como um recurso da imagem para mostrar que somos mais africanos do que aparentamos ser.

A Avenida enquanto uma aula da antropologia a céu aberto.



**Painel da Fotografia
Cearense Contemporânea
Ceará, Brasil
2020**

<https://painelfotoceara.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>

OLIMP(II)O



O Maracatu é uma sólida cultura brasileira africanista. É defesa, resistência e preservação da cultura afro-brasileira.

Quatro anos antes da Lei Áurea, no dia 25 de março de 1884, o Ceará se tornou a primeira província a decretar, oficialmente, o fim da escravidão no Brasil. Talvez, por essa precocidade, possui um desenvolvimento tão amplo do Maracatu. Em meados dos anos 1930, o Maracatu se desloca para o carnaval de rua de Fortaleza, ganhando como palco, a Avenida Domingos Olímpio.



**Painel da Fotografia
Cearense Contemporânea
Ceará, Brasil
2020**

<https://www.marefotofestival.com/>



0009.png

Topo ●

Artistas ○



Maré Foto Festival
Exposições Coletivas:
Se antes do fim... e Permitir o afeto
Ceará, Brasil
2020

<https://ifotoce.com.br/festival-efemero>



O FESTIVAL **PROGRAMAÇÃO** OFICINAS EXPOSIÇÕES EFÊIRA

Instagram Facebook YouTube IFOTO

EFÊIRA ENTREVISTA

As publicações fotográficas são fundamentais para a apreciação da linguagem em narrativas elaboradas, capazes de revelar diversas nuances, e acrescentar às imagens informações que muitas vezes o leitor não consegue apreender em outras formas de expor as fotografias. Por isso, o festival Efêmero promove a Efêira, uma venda online de publicações independentes de todo o País. E para compor a programação do festival temos a Efêira Entrevista, uma faixa de horário em que ocorrem lançamentos de fotolivros e trocas de experiências no âmbito das publicações.

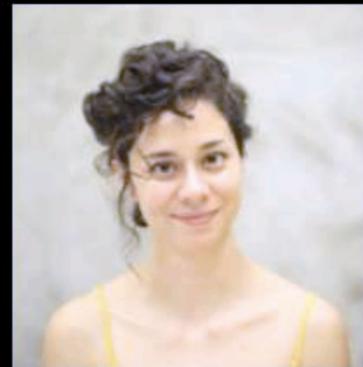
CONVIDADOS



Carolina Amorim
Artista Visual



Pablo Pinheiro
Fotógrafo e artista visual



Fernanda Siebra
Fotógrafa



Marília Oliveira
Fotógrafa



**Efêmero - Festival de Fotografia Experimental
Ceará, Brasil
2021**

<https://ifotoce.com.br/festival-efemero>



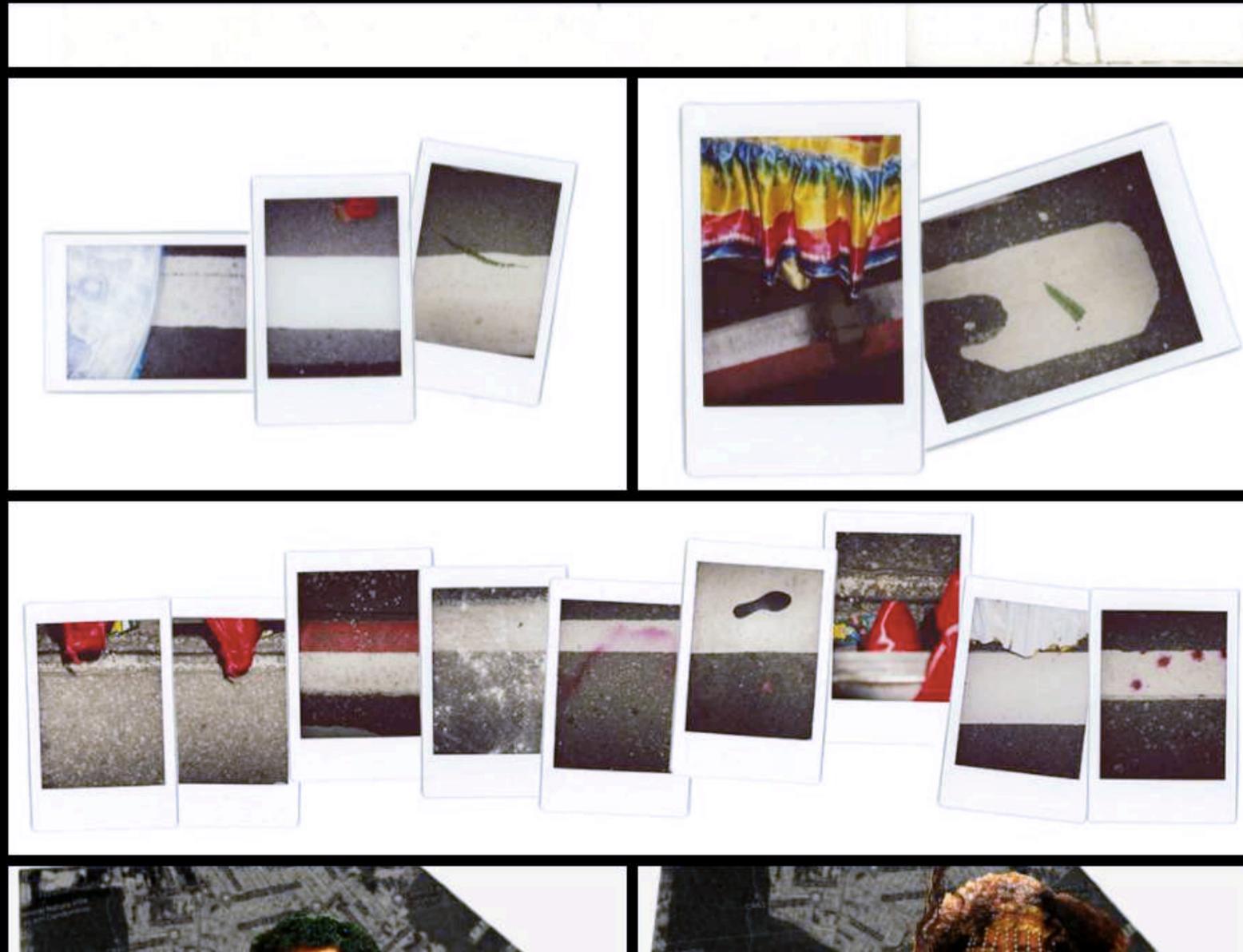
**Efêmero - Festival de Fotografia Experimental
Ceará, Brasil
2021**

<https://ifotoce.com.br/festival-efemero>

efemero
FESTIVAL DE FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL

O FESTIVAL PROGRAMAÇÃO OFICINAS EXPOSIÇÕES EFÊIRA

Instagram Facebook YouTube IFOTO



**Efêmero - Festival de Fotografia Experimental
Ceará, Brasil
2021**

<https://youtu.be/vf2RZowtgN4>



**Efêmero - Festival de Fotografia Experimental
Ceará, Brasil
2021**

<https://www.maracatucearense.com.br/fotografos/fernanda-siebra/>



ACERVO

CURADORIA

VÍDEOS

SOBRE

FERNANDA SIEBRA

Fernanda Siebra é fotógrafa e jornalista. Graduada em Jornalismo, atuou como fotojornalista e realizadora de conteúdos audiovisuais no Sistema Verdes Mares, onde ocupou o cargo de editora do Núcleo de Audiovisual do SVM. Trabalhou ainda junto ao El País. Desenvolve um trabalho de caráter documental sobre as romarias de Juazeiro do Norte. Durante período pandêmico, intensificou a produção dos trabalhos com colagens analógicas. Expôs em 2018, o trabalho "Bem Ditos", na exposição Miragem do Festival Solar, utilizando a mesma linguagem. Gosta de pensar fotografia para além de duas dimensões.



Maracatu Rito e Ritual
Ceará, Brasil
2021